

## **A ordem do discurso bolsonarista:**

*Intersecções entre normatividade de gênero, misoginia e o incentivo ao contágio no período da pandemia de Covid-19*

Mário Henrique Carvalho Renó Faria<sup>1</sup>; Isabela Kalil<sup>2</sup>  
Mario.carvalho.reno@gmail.com; ikalil@fespsp.org.br

### **Resumo**

No ano de 2020, o mundo foi acometido por uma pandemia global de Covid-19. O presente trabalho buscou analisar a ordem do discurso de Jair Messias Bolsonaro, assim como campanhas vinculadas ao seu governo, a fim de propor intersecções entre as teses de incentivo ao contágio da população sob um viés de retomada econômica e elementos vinculados masculinidade hegemônica.

Foram criadas tipologias discursivas, que caracterizam momentos distintos de enunciação do Presidente. A primeira corresponde a uma negação da dimensão da doença; a segunda, uma caracterização de que, mesmo com a população acometido, as consequências para a saúde individual não seriam graves; e, por último, admitida gravidade dos efeitos, perdas seriam necessárias para que a economia não seja comprometida.

Os discursos foram analisados através da busca dos sujeitos universais da enunciação do Presidente, que remontam suas perspectivas normativas de gênero, assim como sua ojeriza a representações desviantes.

Pôde-se notar que a ordem discursiva do Presidente, bem como suas medidas jurídicas, foram pontos fundamentais para a construção narrativa do contágio da população. Esta tese foge do senso comum: de que o contágio se deu por meio de uma insuficiência administrativa, e, sim, tratou-se de um conjunto de medidas deliberadas.

**Palavras-chave:** Bolsonaro; Covid-19; contágio; gênero

---

<sup>1</sup> Aluno do 4º semestre do curso de Sociologia e Política e integrante do Núcleo de Etnografia Urbana (NEU/LED) da FESP-SP.

<sup>2</sup> Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) onde coordena o NEU/LED (Núcleo de Etnografia Urbana / Laboratório de Etnografia Digital) e, também, o curso de Sociologia e Política.

## Abstract

In 2020, the world was affected by a global pandemic of Covid-19. The present work sought to analyze the discourse of Jair Messias Bolsonaro, as well as campaigns linked to his government, in order to propose intersections between the theses of incentive to the contagion of the population under a bias of economic recovery and elements linked to hegemonic masculinity.

Discursive typologies were created, which characterize distinct moments of enunciation of the President. The first corresponds to denial grandiosity of the disease; the second is a characterization that, even if we were affected, we would not suffer serious consequences; and, finally, admitted severity of the effects, losses are necessary for there to be an economic recovery.

The discourses were analyzed through the search for the universal subjects of the President's enunciation, which go back to their standardized perspectives of gender, as well as their rejection to devious representations.

It was noted that the president's discursive order, as well as his legal measures, were fundamental points for the narrative construction of the contagion of the population. This thesis goes against common sense, that the contagion occurred through an administrative insufficiency, but that it was a set of deliberate measures.

Keywords: Bolsonaro; Covid-19; contagion; Gender

## Introdução

A política bolsonarista corresponde a um capítulo fascista da nossa história nacional, marcada pela exploração do corpo da mulher e negação à inteligibilidade de gêneros desviantes, tais quais tipificados pelo patriarcado (NASCIMENTO, 2019).

Em 2018, ano da eleição de Jair Bolsonaro, foi construído um perfil de seus eleitores, em que se destaca a tipologia do “Cidadão de Bem” (KALIL, 2018). Esse perfil corresponde a um conjunto de indivíduos apoiadores do Presidente que segue um código de condutas idôneas consideradas legítimas no âmbito individual e familiar. Assim, contra a corrupção moral, esses indivíduos se apossam de valores ligados à manutenção das instituições tradicionais e, contraditoriamente, às liberdades individuais, daquelas que estejam vinculadas a sua agenda moral.

A prática de poder disciplinar (FOUCAULT, 2013) desta agenda bolsonarista se dá sobre os corpos dos sujeitos, pela promoção de um pânico moral sob a falsa premissa da degeneração dos valores tradicionais, que seria ideologicamente promovida pelos seus opositores (FERREIRA, 2016).

As pautas relacionadas à gênero e sexualidade têm um papel estratégico bastante importante na manutenção do conservadorismo ideológico. O grande inimigo e causador do pânico moral corresponde ao amálgama denominado “ideologia de gênero”, vinculado pela extrema direita ultraconservadora como uma proposta da esquerda de corromper estes valores (FERREIRA, 2016). Este conceito representa uma caricatura para se referir a uma área do conhecimento que estuda as atribuições culturais e aos papéis socialmente estabelecidos aos sexos: os estudos de gênero.

Durante o ano de 2020, o mundo foi acometido pela pandemia da Covid-19. A Organização Mundial da Saúde (OMS), assim como instituições de pesquisa do mundo todo, tem dirigido esforços para conter o alastramento dos contágios. Apesar da necessidade de um programa de vacinação, foram propostas medidas mitigadoras para evitar o contágio, como uso de máscaras, implementações do lockdown, distanciamento social, dentre outras (WHO, 2022).

Em contrapartida, o atual presidente Jair Messias Bolsonaro tem se manifestado contra as medidas de proteção individual. Pelo contrário, parece haver uma narrativa de incentivo ao contágio, sob um viés de enfrentamento à pandemia com a retomada massiva das atividades laborais (VENTURA; REIS, 2021).

Neste trabalho, buscaremos compreender as intenções e a forma pelas quais as práticas discursivas reverberam através da historicidade dos sujeitos discursivos que Bolsonaro sustenta. Assim como a maneira pela qual seu discurso, que subjuga a feminilidade e exalta a hegemonia masculina, pratica sentido na construção ideológica de medidas anticientíficas no período da pandemia.

Os trechos analisados compõem partes de uma tipologia narrativa, com a qual o presidente Jair Bolsonaro sustenta sua estrutura de argumentação. Nesta, ele visa incentivar o contágio da população sob a justificativa de minimizar os impactos econômicos que seriam gerados caso a população seguisse as diretrizes médicas.

### **Percurso metodológico**

A noção que se refere à percepção de si e dos outros evoca uma questão dialógica da retórica clássica aristotélica: *éthos* (enunciador) e *páthos* (enunciatário) (NIGRI, 2009). Essa percepção denota um esquema de discurso imagético, historicamente dado, assim como proposto por Michel Pêcheux.

Deste modo, todo processo discursivo carrega consigo uma formação imaginária pré-concebida que interage conforme as relações são construídas, por meio do interdiscurso (FOSSEY, 2005). Essas imagens que o enunciador transparece sobre si e a as situações dadas nas enunciações estão subjugadas ao que Pêcheux classifica como sujeito discursivo histórico das Formações Discursiva (FD).

A criação imagética dos sujeitos discursivos pode ser descrita da seguinte forma.

Figura 1 – Jogo de Imagens de Pêcheux

	Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A^{(A)}$	imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	"Quem sou eu para lhe falar assim?"
	$I_A^{(B)}$	imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	"Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
B	$I_B^{(B)}$	imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	"Quem sou eu para que ele me fale assim?"
	$I_B^{(A)}$	imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	"Quem é ele para que me fale assim?"

Fonte: Pêcheux (1997, p.82)

A fim de se pensar nesta Formação Discursiva marcada pela bolsonarização dos espaços de discussões públicos, segundo Silva (2019), caracterizada pela normalização dos discursos de ódio, buscou-se investigar estes sujeitos discursivos, aos olhos dos elementos constitutivos da figura do "Cidadão de Bem". Suas percepções individuais, de si e dos outros, relacionando-as com misoginia e exaltação da virilidade masculina, no contexto histórico demarcado pelo ultraconservadorismo moral do governo de Jair Messias Bolsonaro. Esses elementos serão relacionados com a construção narrativa do contágio da população, diante da tese da "imunidade de rebanho".

Assim, este trabalho, à luz do interdiscurso, e do *éthos* e *páthos* discursivo, terá como *corpus* pronunciamentos, oficiais e não oficiais, do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro no período da primeira onda de Covid-19 no Brasil (março à novembro de 2020). Buscou-se analisar sua ordem discursiva, à figura do "Cidadão de Bem", e ao seu caráter coercitivo para instigar a população na retomada de suas atividades.

## Discursos

No Boletim Direitos na Pandemia de nº10 publicado por Ventura e Reis (2021), foi apresentada uma linha do tempo com um mapeamento das medidas do Governo Federal que promoveram a disseminação do vírus da Covid-19. Segundo o

Boletim, houve uma estratégia institucional governista, a fim de disseminar o vírus sob um viés de proteção econômica. A tese central governista era de que, através do contágio de cerca de 70% da população, seria adquirida a chamada “Imunidade de Rebanho” da população. Esta imunidade, seria, aparentemente, suficiente para garantir proteção aos indivíduos. Dentre as medidas, além da Ordem Jurídica, foi essencial uma mobilização ideológica, através de argumentos morais, incitando a retomada das atividades econômicas do país (VENTURA; REIS, 2021).

Para Almeida-Filho (2021), o caráter negacionista dos perigos de contágio da pandemia se equipara a uma “pandemia ideológica”, que dificulta a contenção real do contágio, levando o país a uma crise tanto “infodêmica” quanto viral.

Neste trabalho, buscou-se analisar, diante da prática discursiva, a construção de narrativas através das quais as falas e atitudes do Governo Federal, alinhadas com uma prática normativa de gênero, serviram de alicerce para a aceitação de práticas negacionistas, que colocaram a vida da população em risco sob um pretexto de heroísmo, atrelado ao arquétipo hegemônico de expressão da masculinidade.

A prática discursiva governista, desta forma, apela para um modelo tipificado de condutas no que diz respeito às performances de gênero. Assim, ao tratar de suas falas e práticas, é interessante a comparação aos grupos fictícios do Romance “Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela” de Loyola Brandão (2018): os “Nós” e os “Outros”. Os “Nós” são demarcados, em contextos específicos na dinâmica social, como ilibados e dotados de superioridade moral; já os “Outros” são remetidos aos grupos que corrompem as condutas e ideologia estabelecida pelo grupo do “Nós”. O discurso de Jair Bolsonaro apela para uma dinâmica unidimensional da realidade, cujas informações idôneas se limitam àquelas que atendem as narrativas governistas. Os “Outros”, assim, se estabelecem como opositores epistemológicos, mesmo respaldados por materialidade e metodologia científica (FERNANDES, 2022)

### **A pandemia é uma histeria**

Dentro do território brasileiro, houve um avanço dos casos de Covid-19 em março de 2020. Nesse período, o presidente da República acabara de retornar de um evento sediado em Miami, no qual pelo menos 23 integrantes da comitiva contraíram o vírus (VENTURA; REIS, 2021). Ao retornar ao Brasil, o Presidente Jair

Bolsonaro realizou uma entrevista à rádio Tupi no dia 17/03/2020 para discorrer sobre os crescentes casos de contágio, em que afirmou:

O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos (VENTURA; REIS, p. 8, 2021).

Poucos dias depois, em uma entrevista dada à TV Record, em 22/03/2020, Jair Bolsonaro mantém seu posicionamento sobre um suposto superdimensionamento da pandemia. Apesar de já ter havido um aumento vertiginoso de 2 para 1604 casos confirmados e cerca de 25 mortes até a presente data em março (G1, 2020), ele afirma: “Brevemente, o povo saberá que foi enganado por esses governadores e por grande parte da mídia nessa questão do coronavírus”. Neste contexto, ele responsabiliza os governadores e a mídia tradicional pela preocupação e retratação da doença, concluindo que este “excesso de zelo” poderia acarretar grandes prejuízos econômicos.

É notório se pensar que a dimensão do cuidado, assim como o arquétipo de gênero que o traduz, está ligado à feminilidade. E esta ojeriza praticada por Bolsonaro ao cuidado com a saúde pública reflete diretamente para o modelo hegemônico de masculinidade para o qual o presidente se sustenta. Diante disso, à luz de Pêcheux (1988), tentaremos traçar o sujeito discursivo com a qual Jair Bolsonaro se ancora dentro do interdiscurso, sob a materialidade histórica que lhe é introjetada. A compreensão da historicidade do que se caracteriza por histeria mostra-se necessária, assim como, a da posição sob a qual Bolsonaro se coloca ao classificar esta parcela que, segundo ele, superdimensiona os riscos da Covid-19.

Nesse sentido, não se pode deixar de se citar o incurso de misoginia sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff um pouco antes do seu pedido de impeachment. Em uma das capas de maior repercussão na época, a presidenta é representada como explosiva, sem controle ou equilíbrio emocional (LEMOS, 2017).

Figura 2 - Revista IstoÉ, Edição nº2417. 6/4/2016.



Fonte: Revista IstoÉ

Neste período, houve uma mobilização midiática para formar uma representação histórica da presidenta, cuja construção remonta a séculos de discursos com o intuito de patologizar os corpos femininos (LEMOS, 2017)

De acordo com Rago (2002), a medicina do século XIX considerava a natureza dos corpos femininos como propensa à desordem. A única forma de torná-los dóceis era através da maternidade e da construção da família sob os moldes do patriarcado.

Partindo-se deste contexto, pode-se notar que a utilização do termo “histeria” para caracterizar àqueles que, para o presidente, superdimensionavam os efeitos da pandemia, carrega um peso simbólico permeabilizado com traços de misoginia, que se mostravam presentes ainda bem antes do início de seu governo como chefe do executivo. Um exemplo de grande repercussão foi o ataque sofrido pela deputada

Maria do Rosário em 2014, quando o então parlamentar Bolsonaro disse que só não a estupraria porque ela não merecia (UOL, 2021).

A misoginia é traduzida como abjeção da feminilidade, a fim de reafirmar o poder da masculinidade hegemônica como norteadora no enfrentamento da pandemia. Para Firmino e Porchat (2017), à luz do poder disciplinar foucaultiano, este poder não pode ser tomado somente como repressivo, mas como prática coercitiva capaz de sujeitar os corpos, a fim de torná-los úteis ao sistema produtivo vigente. Desta forma, é possível se pensar na noção de “corpos dóceis”, que estão delimitados em um contexto de práticas coercitivas de identidade, e “corpos abjetos”, ou desviantes, que não são inteligíveis às práticas de poder-saber, logo, atacam à própria ordem vigente, sob a qual estão incluídos.

A feminilidade, assim, no contexto de enfrentamento da pandemia, seria tomada como abjeta. Uma vez que, como será discutido à diante, o combate ao vírus para o Presidente não está necessariamente ligado à proteção da vida, mas à proteção econômica (VENTURA; REIS, 2021).

### **Homem pega Covid, mas não adoece**

A histeria inicial, postumamente, adquire um olhar racionalizante. A pandemia passa a ser reconhecida como ameaça real, e a narrativa alterna-se para de um enfrentamento. Põem-se a ideologia de reprodução do capital acima da própria vida. Como se, em alguma medida, fosse preciso realizar-se um sacrifício heróico a favor da recuperação econômica nacional (VENTURA; REIS, 2021).

Entretanto, parece haver uma confusão semântica em torno do que o presidente caracteriza como “enfrentamento”. Ao ir contra as medidas internacionais de proteção individual do contágio, o enfrentamento proposto adquire um papel não necessariamente vinculado ao vírus, mas àqueles que se mostram desfavoráveis ao seu posicionamento, os “Outros”. Seguindo uma ética do trabalho, no sentido Weberiano, o presidente incentiva a retomada laboral como única alternativa possível para recuperação econômica.

No fim do mês de março de 2020, a SECOM (Secretaria Especial de Comunicação Social) inaugurou uma campanha oficial do Governo, sob a administração do Ex- Secretário da comunicação Fabio Wajngarten, cujo mote era “O Brasil não pode parar”. A campanha engendrada pelo Governo Federal rumava

na contramão das recomendações da OMS, que incentivava a população trabalhadora a romper com as medidas de isolamento social para uma progressiva retomada dos postos de trabalho.

De acordo com Sanches *et al* (2020), as representações sociais presentes na propaganda têm um recorte claro de classe. A retratação dos tipos de trabalhadores que deveriam realizar a retomada econômica é de trabalhadores autônomos, em sua grande maioria de pretos e pardos. Neste sentido, seria possível inferir que a retomada econômica tem também um viés necropolítico, ao subjugar corpos negros e os colocar como trabalhadores de segunda classe, ao que os autores concluem

Valer-se de discursos sobre a economia em momento crítico como o da pandemia de covid-19 é mexer em uma ferida histórica que indica que a população negra e pobre brasileira precisa trabalhar independente das circunstâncias. (SANCHES ET AL, 2020, p. 110)

É também curioso notar a forma como o Presidente se refere à população mais vulnerável ao vírus: idosos e pessoas com comorbidade. Durante a primeira transmissão oficial realizada pelo presidente em rede aberta no dia 24/03/2020, ele faz a seguinte declaração: “pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha”

Embora o presidente, na época com 65 anos, já pertencesse à classificação etária de idoso segundo o IBGE, ele minimiza os efeitos que poderia adquirir caso fosse acometido pelo vírus. Mesmo com recomendações oficiais de órgãos da saúde, a crença do presidente na sua recuperação caso fosse acometido pelo vírus parece estar vinculada a um arquétipo de masculino viril e imbatível, ou, nas próprias palavras divulgadas nas redes oficiais do chefe do executivo: “imorrível, imbroxável e incomível” (CARTA CAPITAL, 2021).

Dentro da dinâmica de gênero nas sociedades ocidentais, Vargas *et al* (2009) defendem que a sociabilidade masculina é estabelecida por meio de normas que negam o cuidado de si e dos outros. A virilidade é formada pelas lutas e conquistas, já as derrotas e fraquezas são esquecidas, reprimidas sob uma máscara social.

Assim, a formação da masculinidade se dá pela demonstração de dureza e rigidez em suas relações como iniciativa de autoafirmação. Para Nolasco (1993)

Um homem normal é alguém jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Sul, heterossexual, católico, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com sucesso recente nos esportes. O capitalismo incentiva, por meio de diferentes mecanismos, a crença de que por meio do trabalho um homem pode rapidamente atender a estas especificações (NOLASCO, 1993, p. 53).

Diante de sua carreira militar, nesta formulação discursiva, o presidente reforça sua identificação pela “masculinidade dócil”, posta nesse sentido como um modelo que lhe garante uma força extraordinária no enfrentamento do vírus. Assim, o sujeito discursivo que o permeia no interdiscurso corresponde ao do homem viril, que teve sua construção nos moldes da hegemonia patriarcal, contra a corrupção de valores propostos pela “ideologia de gênero”. O “Cidadão de bem” que, admitidas estas condutas e crenças, não sofreria consequências caso fosse acometido pela doença.

### **Homem pega Covid, morre, mas não tece a dor**

Poucos dias depois, em 29/03/2020, o presidente, durante um passeio em Brasília por comércios na região, profere a seguinte colocação a respeito da doença, ao ser questionado por um repórter

Devemos tomar os devidos cuidados com os mais velhos, as pessoas do grupo de risco. Agora, o emprego é essencial. O vírus ‘tá aí, vamos ter de enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida, todos nós vamos morrer um dia (VENTURA; REIS, p. 8, 2021).

Vargas *et al* (2009) defendem que a perspectiva do cuidado é dedicada à feminilidade, principalmente pelo papel da reprodução social que é atribuído ao gênero feminino no ambiente doméstico. Para Almeida (1996), a coerção da

normatividade da masculinidade singular hegemônica está ligada ao domínio do poder, logo nega em si mesma as representações sociais do que se atribui à feminilidade.

A elaboração de gênero que traz as concepções do que é ser homem na sociedade ocidental não devem ser tomados como regra, uma vez que cada região tem uma formação cultural específica (VARGAS *et al*, 2020). Entretanto, durante as etapas de socialização, resta aos homens introjetarem comportamentos impostos pela normatividade de gênero a fim de não sofrer rejeição, assim como defende Nolasco (2001)

Tal postura prescinde dos matizes inerentes ao vínculo social, determinando que, para vencer, o indivíduo deve escolher o lado claro e não o escuro; ser winner e não loser, filiar-se ao ocidente e não ao oriente. Diante desta perspectiva, o indivíduo perde a possibilidade de inventar novas formas de singularização para si mesmo, sua vida e futuro, cabendo a ele cumprir uma agenda cujo roteiro é superficial, polarizado e de aparências (NOLASCO, 2001, p. 11)

Nader e Caminoti (2014) nos ressaltam que os caminhos que conduzem o indivíduo do sexo masculino na construção de sua masculinidade começam já na gestação e é desenvolvido institucionalmente durante todo o percurso da vida, pela família, na escola, na religião, no trabalho e pelas peças de divulgação midiáticas. Um grande marco neste processo se dá pela ruptura materna, em que, torna-se necessário ao indivíduo do sexo masculino formar-se culturalmente a fim de firmar o seu reconhecimento social sobre o que é “ser homem”.

O processo disciplinar através do qual se forma o identitário sobre o que é “ser homem” é, segundo Almeida (1996), muito mais do que uma formulação cultural, mas uma construção social disputada. Aos homens, cabe o processo de autovigiar-se, numa rede interacional de micropoderes, para que se provem continuamente como representantes de um gênero que lhes garante prestígio social. O dispositivo da sexualidade, neste sentido, entende a masculinidade como uma metáfora para perpetuação do patriarcado.

Por mais que seja evidente a atribuição de masculinidade ao poder, é importante entender de que forma estão dispersas as teias que conectam a

perpetuação de poder dentro das expressões das masculinidades. Segundo Connell (2013), a incorporação de uma percepção sob a diferença de poderes dentro das masculinidades teve início com os movimentos de libertação gay. O ataque a estereótipos de gênero corresponde a uma tentativa repressiva de violentar masculinidades vistas como desviantes ao modelo heteronormativo, e, pois, ameaçam a estrutura de poder patriarcal. Desta forma, pode-se pensar em um modelo hegemônico de expressão de masculinidade, que não diz respeito somente a papéis de gênero, mas também há um padrão de práticas de dominação.

Assim, é curioso notar a forma como o presidente articula seu discurso nesse sentido. A valorização do emprego atribuída ao papel do homem socializado (não mais um “moleque”) e domesticado sob a ótica do patriarcado seria o necessário para a retomada econômica, negando, pois, a perspectiva de cuidado dentro das masculinidades. Bolsonaro, neste contexto, se coloca como legislador de uma masculinidade que, segundo ele, seria necessária para o enfrentamento da Pandemia sob uma perspectiva econômica, admitindo que neste processo haveria algumas perdas.

Quando o presidente caracteriza os “Outros” que o contrapõem no que diz respeito ao enfrentamento da pandemia, ele faz uso de terminologias pejorativas, normalmente referentes às performances de masculinidades desviantes.

Alguns exemplos dessas caracterizações encontram-se no pronunciamento oficial realizado no dia 13/11/2020, em que o presidente afirmou: “Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas” (VENTURA; REIS, 2021); em 18/11/2020, em um evento com trabalhadores rurais o presidente afirma: “Parabéns a vocês que não se mostraram frouxos na hora da angústia, como diz aqui a passagem bíblica” (VENTURA; REIS, 2021).

Como já citado, a ordem do discurso de Bolsonaro remonta a um histórico de misoginia. Entretanto, ao ditar as características que devem ser evitadas pela população, o presidente busca descrever o que foge do tipo ideal da masculinidade hegemônica. Utilizar expressões como “maricas”, “frouxos”, “covardes” e “frescos” dizem respeito a expressões que subjagam tipos de masculinidades desviantes.

A forma de expressão hegemônica das masculinidades se coloca em uma posição de modelo, construído através de práticas em âmbitos diferentes do convívio social. Na esfera local, as interações imediatas têm um papel significativo, nas famílias e em comunidade; na regional, decorre no nível da cultura e da

identidade simbólica; na mundial, por meio das políticas transnacionais, pela mídia e pelo comércio. As influências e relações interdiscursivas faz com que tenhamos uma delimitação bem definida a respeito do que é “ser homem”, criando-se um modelo que se busca seguir. Desta forma, constrói-se um modelo hierárquico em que àqueles que reproduzem ou disseminam, ocupam espaço de prestígio, e, quem não a segue, ocupa um lugar de subordinação (CONNELL, 2013).

Devido à dificuldade de encontrar um modelo único de expressão hegemônica, Baydoun (2014) ressalta que esta subordinação se dá por meio da aversão ao afeminamento da figura masculina. Richardson (2009) define este medo como efeminofobia, no qual ocorre uma forma de discriminação à homens que performam comportamentos socialmente atribuídos ao feminino.

A presença do afeminamento é visto como uma forma de fracasso do binarismo que vincula sexualidade e gênero, assim como uma ameaça ao patriarcado. Estas performances de gênero transgressivas, ao questionarem o status quo, permitem com que se aflorem discursos repreensivos, domados por misoginia e homofobia, e, desta forma, se admitem como problemas de gênero (SEDGWICK, 1991; BUTLER, 2003; RICHARDSON, 2000).

A efeminofobia aparece como prática discursiva repressiva através de termos e classificações relacionadas à misoginia

alguns termos em português brasileiro que se consolidam como efeminofóbicos, como por exemplo: “bicha”, “bichona”, “florzinha” ou o uso de adjetivos e substantivos no feminino para se referir a homens que não se enquadram nas normas impostas pela matriz heterossexual (BAYDON, 2014, p. 70)

A efeminofobia nega ao homem não só a compaixão, mas a autocompaixão. A masculinidade hegemônica cala qualquer expressão que se distinga de suas normas (BENTO, 2015). A negação do cuidado dos outros e de si repele até mesmo o enlutamento, ao que o próprio presidente nos questiona em um de seus pronunciamentos: “vão ficar chorando até quando?” (G1, 2021).

## **Considerações finais**

Através da premissa, embasada pela pesquisa de Ventura e Reis (2021), de que o Governo Federal agiu ativamente no incentivo ao contágio da população brasileira pela Covid-19, buscou-se investigar a ordem discursiva pela qual tanto o presidente do Executivo, quanto as campanhas midiáticas vinculadas ao Governo, promoveram esta retomada econômica.

Considerada uma pauta relevante na identificação entre os “Cidadãos de Bem”, a “Ideologia de gênero” corresponde a um elemento significativo de análise neste trabalho. As formas pelas quais o atual Presidente da República incita a retomada econômica, sob um viés de enfrentamento material do vírus, denota um apego a elementos da masculinidade hegemônica. Descaracterizando a preservação da própria vida, uma vez que a pauta econômica estaria acima dela e, assim, alguns sacrifícios estariam justificados.

Por fim, não se pode desconsiderar o papel e o impacto dos pronunciamentos do Líder do Executivo. De acordo com Foucault (1996), a inteligibilidade discursiva se dá pela posição de poder ocupada pelo enunciador. De modo que se pode considerar o Presidente, pela sua posição dentro do Governo Representativo, assume um privilégio de enunciação.

Assim, o seu discurso deve ser considerado prática, no sentido que intervém no real, pela forma que se significa na historicidade em que se encontra (ORLANDI, 2001). Havendo necessidade, pois, de reconhecer que o discurso do Presidente teve também um impacto no incentivo do contágio da população pela retomada econômica, sob o viés de elementos de uma masculinidade hegemônica.

## Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.

ALMEIDA-FILHO, Naomar. Pandemia de COVID-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. in: **CONASS. Principais elementos. Volume 1.** Disponível em: <<https://www.conass.org.br/biblioteca/volume-1-principais-elementos/>>. Acesso em: Nov. 2021.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas.** Natal: EDUFRN, 2015.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Desta Terra Nada Vai Sobrar, a Não Ser o Vento Que Sopra Nela.** São Paulo: Global, 2018

CARTA CAPITAL. **Após protestos, Bolsonaro diz ser ‘imorrível, imbroxável, incomível’.** 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/apos-protestos-bolsonaro-diz-ser-imorrivel-imbroxavel-incomivel/>. Acesso em: 20 maio 2022.

CONNELL, R. W. Messerschmidt, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013. pp.241–282.

FERNANDES, C. M. A pandemia do Coronavírus: narrativas presidenciais e negacionismo científico. **Lumina**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 71–91, 2022. DOI: 10.34019/1981-4070.2022.v16.33512. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/33512>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FERREIRA, G. G. Conservadorismo, fortalecimento da extrema direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo. **Revista Lutas**

**Sociais: revista vinculada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUCSP**, São Paulo, v. 20, n. 36, p. 166-178, 2016.

FIRMINO, F. H. PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira De Psicologia E Educação**, 2017. 19(1), 51–61.

FOSSEY, M. F. O jogo de imagens no texto de divulgação científica. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**. v. XXXIV, p. 968-973, 2005.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

G1. **Casos de coronavírus no Brasil em 22 de março de 2020**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/22/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-22-de-marco.ghtml>. Acesso em 02 jun de 2022.

KALIL, Isabela Oliveira. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro?** São Paulo. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 2018. Disponível em: <https://www.fesp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>

LEMOS, Beatriz Monteiro. **Misoginia, feminismo e representações sociais: o processo de impeachment de Dilma Rousseff na imprensa brasileira (2010-2016)**. 2017. 34 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NADER, Maria Beatriz.; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. **Anais do**, v. 16, 2014.

NASCIMENTO, L. Língua fascista, discurso contraditório. **Revista Heterotópica**, v. 2, n. 2, p. 180-197, 29 dez. 2020.

NEGRI, L. A determinação recíproca entre pathos e ethos discursivo. Ou, uns e outros. **Organon (UFRGS)**, v. 1, p. 205-217, 2009.

NOLASCO, Sócrates. (2001). O Apagão da Masculinidade. **Revista do IETS**, 1(1), 15-31. <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/03/O-Apagao-da-MasculinidadeS%C3%B3crates-Nolasco.pdf>

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. 6ª ed. Campinas: Cortez, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PÊCHEUX, M. (1969). **Análise automática do discurso**. In: GADET, François & HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Vários trad. Revisão técnica: Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michael. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.

RICHARDSON, N. 2009. Effeminophobia, misogyny and queer friendship: The cultural themes of channel 4's playing it straight. **Sexualities**, vol.12, p. 525–544, 2009.

SANCHES, Júlio César; MOISÉS, Raika Julie; SOUZA, Rhayller Peixoto da Costa. **O Brasil não pode parar: racismo e desigualdade social na campanha publicitária do governo Bolsonaro**. Revista Brasileira de História da Mídia, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 96-113, 2020.

SEDGWICK, E.K. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

UOL. **"País de maricas" consolida Bolsonaro como líder do machismo e homofobia.** 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2020/11/12/pais-de-maricas-consolida-bolsonaro-como-lider-machismo-e-homofobia.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

VARGAS, Eliane Portes; FERREIRA, Francisco Romão; SILVA, Juan da Cunha. As masculinidades e o cuidado. In: **CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ANTROPOLOGÍA**, 6., 2020, Montevideo. Anais. Montevideo: Asociación Latinoamericana de Antropología, 2020. p. 1-15.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; REIS, Rosana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. ***Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil***, São Paulo, n. 10, p. 6-31, 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf> >.

World Health Organization (WHO). **Advice for the public: Coronavirus disease (COVID-19).** WHO. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>.